

População de Xipamanine mostrou solidariedade e resposta pronta

N. 9/12/83

por Leandro Paul e Marcelino Silva

Uma violenta explosão ocorrida na madrugada de quarta-feira, destruiu totalmente uma residência no Bairro de Xipamanine, em Maputo, ferindo dois dos seus moradores, um dos quais em estado grave.

Cerca de um mês e meio após o atentado bombista nos escritórios do Congresso Nacional Africano (ANC) em Maputo, do qual saíram feridas cinco pessoas, um novo atentado sul-africano, ocorreu quarta-feira por volta das 2.45 horas da madrugada numa residência na Rua Fernando Homem n.º 17. Quartelão 56, Célula «F», no Bairro de Xipamanine, na capital do País.

Na residência moravam os dois refugiados sul-africanos, que no momento da explosão se encontravam a dormir. Eles ficaram feridos, um dos quais em estado grave, com queimaduras no rosto e no resto do corpo. Transportados na viatura dum vizinho, os dois feridos foram rapidamente levados para o Hospital, onde se encontram presentemente internados.

Após a explosão, que fez estremecer as casas das redondezas e estilhaçou vidros de mais de três dezenas de apartamentos vizinhos, a residência atingida começou a arder, tendo ficado totalmente danificada. Não obstante o estado avançado de destruição, alguns moradores rapidamente se mobilizaram e carregando baldes com água, tentaram debelar o fogo.

CASA TOTALMENTE DESTRUÍDA

Quando chegámos ao local do aten-

tado, uma brigada das Forças de Defesa e Segurança estava já a proceder a investigações rigorosas para apurar as causas e responsabilidades do atentado bombista.

Devido à violência da explosão, algumas folhas de zinco foram projectadas a mais de cinco metros de distância. Aqui e ali viam-se várias peças de vestuário. Peças de vestuário estavam penduradas em ramos de uma goiabeira no quintal da casa. Camas de molas, armários, mesinhas de cabeceira, algumas cadeiras e outras peças de mobiliário, estavam espalhados pelo quintal. Um colchão e algumas mantas ficaram carbonizadas e sobre o soalho espalhavam-se desordenadamente alguns produtos alimentares. Quem passasse na rua — que dista a cerca de 10 metros da casa — podia observar os resultados da explosão: a casa totalmente destruída tendo apenas ficado de pé uma das paredes em madeira, que pertenceu à sala.

PENSEI QUE FOSSE TROVOADA

Bucudade Omar, chefe do quartelão e moradora nas redondezas, disse que estava a dormir quando ocorreu a violenta explosão:

«Ouvi um grande estrondo e as minhas janelas foram abertas pela violência da explosão. Saí a correr para

o quintal e vi que a casa dos refugiados sul-africanos estava a arder. Ouvimos gritos e pensamos que algumas pessoas estivessem feridas. Juntamente com o chefe de quartelão-adjunto, Aly Chango que mora perto de nós, entramos no quintal, onde fomos encontrar um dos feridos quase sem sentidos, estendido no chão. Aly Chango foi buscar uma capulana à sua casa e tapámo-lo antes de pormos o ferido no carro que o levou para o Hospital».

Lúcia Bila que mora na casa n.º 16, imediatamente ao lado da casa atingida, é uma mulher idosa na casa dos 70 anos, com profundas rugas no seu rosto. Viúva e morando sozinha, conta-nos pausadamente que quase ia morrendo com os efeitos da explosão. «Acordei de repente a sentir que alguns paus caíam na minha cama. Por pouco não me caíram em cima. A rastejar fui para a casa do vizinho e ferime ligeiramente na mão quando ia abrir a porta de chapa que liga os dois quintais.

«Primeiro pensei que fosse trovoadas» diz Nordino Bacar, que foi procurar o carro que transportou os dois feridos para o Hospital. Este morador, quando viu o estado grave em que se encontravam os dois feridos, correu rapidamente a arranjar um carro num gesto semelhante a dezenas de outros residentes que rapidamente concederam todo o apoio. Bacar recorda que nessa madrugada chovia ininterruptamente, o que o fez supor que se tratava de uma violenta trovoadas.



O amontoado de ruínas em que ficou a residência dos refugiados sul-africanos no Xipamanine